Da Virtude dos Números

 Havemos entrado na eficácia dos números, que, em nada menos misteriosos e significativos que os nomes e letras, tem observado a sabedoria humana. Porque parece sem dúvida que todos os mistérios da providente natureza lhes assistem com obras e maravilhas, merecedoras de toda a admiração.

 Sua dignidade é tal que sendo um dia perguntado Platão por que causa o homem era chamado animal racional, respondeu que porque o homem sabia numerar o que de todo ignoravam os outros animais. O mesmo sentimento teve Aristóteles, segundo se lê nos Problemas. A maior razão de sua nobreza, virtude e mistério vem a ser porque o número é alma da quantidade, e como todas as coisas estejam abraçadas da matéria e da forma e não haja matéria sem quantidade sem número, assim como o número é alma da quantidade, assim compreende tudo o que é quantidade, e a quantidade tudo o que compreende a matéria, e a matéria compreende todas as coisas, donde se segue que o número compreende todas as coisas, donde segue que o número compreende todas as coisas que compreende a matéria.

 Esta doutrina se corrobora bem com o que se lê na Sapiência: Deus omnia fecit in numero, pondere, ET mensura. E por esta razão disse já Pitágoras que a natureza e ofício dos números era discorrer por todas as coisas, o que se vê em todas elas, porque logo que não foram matéria-prima e foram muitas coisas, se entregaram à virtude do número, o qual ainda na matéria-prima teve a razão da unidade, que por isso foi prima a matéria, com relação às que foram segundas. Da mesma maneira vemos e viram os primeiros sábios que o número daquele que demonstra e sempre persistente unidade e perpetuidade que é Deus, sempre um princípio de todas as coisas com o número um é o princípio de todos os números sem equivocação, mistura ou participação de outro número, porque em qualquer congregação de números, cada número é um só, sem que, pela multiplicação das unidades, a unidade de cada número se componha ou misture com outra unidade, porque naquele número, que consta de muitas unidades, como por exemplo o número oito consta de muitas unidades, como por exemplo o número oito consta de oito unidades, não crescendo o valor de algumas delas nem incorporando-se uma com a outra, mas sendo realmente distintas ou realmente uma só cada uma; porquee quem contar um oito vezes fará número oito, sem dar, a cada vez que conta um, mais que o intrínsico e inalterado valor da unidade áquele um, que muitas vezes vai contando; assim sobre Pithagoras filosofou Ovidio, sublimando esta consideração quando disse:

 *...Isque licet coeli regione remotus*

 *Mente Deos addijt, ET quae natura negabat. Visibus humanis,*

 *Oculis, ea PECTORIS HAUSIT.*

 *Embora desviado da direção,*

 *Também aproximou dos deuses com sua mente, aquilo que a natureza negava.*

 *Exouriu o que é do espírito com a vista humana e com os olhos.*

 *Desta sorte, pela unidade foi entendida a Divindade da Suprema Essência, que rastrearam por via de número simplíssimo, imcomposta e independente, Xenophanes, Parmenio, Socrates e Platão, que foram, depois de Pitagoras, discorrendo (como afirma Dionísio)* que na unidade se acham e compreendem todos os números, porque muitos números não são mais que unidades, e ela, uma só intensivamente. Donde Jamblico diz que Mercúrio pôs a unidade antes de todas as coisas, e Lisidas Pitagorico quis provar o ser de Deus por aquele excesso com que o número maior supera ao menor, chamando a Deus número máximo. Este número máximo considera a unidade, porque todo o número, para ser maior que outro número, o excede pelo número de unidade, porque o dois é mais que o um porque tem um mais que o um, e também por isso, o um é menos que o dois, porque por um vence o dois ao um. O mesmo sucede a qualquer número a quem a unidade se ajunta, porque sempre o número será maior que seu igual quando se lhe ajuntar mais uma unidade.

 Esta doutrina olharam os pitagóricos quando disseram que todas as coisas são feitas não só com número, mas de número. Assim o confirmou Aristóteles, cuja doutrina, segundo Macróbio, disse que as almas estão ligadas ao corpo com uma certa e determinada razão de número. Porque, suposto que a alma e o corpo realmente difiram, a vida consiste nesta união, e desfazendo-se a união, se acaba o homem; a qual união é natural número e unidade, que não só se guarda entre a alma e o corpo, mas dela resulta a própria unidade corporaal, que em se rompendo se quebra, corrompe e aniquila o homem, donde vem chamar-se o corpo indivíduo, porque dividida e desligada a unidade já não é corpo, até a alma o desampara, porque é ofendida na própria divisão do corpo, pela razão da união, número e unidade que tem com ela.

 Procolo sobre Platão, e com Procolo a escola pitagórica, assenta quatro razões de número, dentro das quais as coisas naturais são compreendidas. À primeira chama razão de número vocal, que se acha na música e nos versos. A segunda razão de número natural que se observa da universal composição das coisas. A terceira razão, de número racional, que se guarda entre a alma e suas partes. A quarta razão, de número divino, que só está em Deus.

 Logo entra a questão tão antiga e ventilada sobre a dignidade dos números, paar, ímpar, a qual, deixando aos que a tratam ex professo, porque não vem aqui tanto o nosso intento, nos bastará dizer com os pitagóricos, que o número um significa a identidade, e o número dois, a diversidade; pelo que já Zaratas, mestre de Pitagoras, chamou pai à unidade, como começo de tudo, e mãe à pluralidade. Porque certo é que da unidade e pluralidade procedem todas as coisas, pois ainda aquelas cujo princípio é a paridade, nestas próprias é certo que a unidade do um foi primeiro que a paridade, que fez a pluralidade. Alemeone disse que o dois era muitas coisas, e o um a coisa de que muitas procederam, pela antelação que o um tem ao dois. Outros entenderam que deste intelectual matrimônio do um, como pai, e do número dois, como mãe, procederam todas as coisas do mundo, não só em ordem e serem coisas inumeráveis, mas serem coisas existentes.

 Plutarco, explicando a sentença de Pitagoras *Numerus est universorum principium,* entendeu que Pitágoras chamara número à Divina Mente, e o afirma nestas palavras: *Numerum autem Pithagoras pro mente accipit*. Assim se lê no livro *De placitis philosophorum*, e daqui veio que a escola platônica recebeu pelo número um e número dois, inculcados de Pitágoras, a matéria e a forma que tem por princípio universal. O que os poetas, imitando como primeiros teólogos e metafísicos daquela idade e falsas divindades, disseram ser Júpter e Juno, tendo a divindade do seu Júpter por matéria, e a da sua Juno por forma, que vem a ser o mesmo a que Homero, prícipe dos poetas gregos, chama Hera e Zeva, denotando por Hera a Juno, e por Zeva a Júpter, os quais considerava autores de todas as coisas criadas.

 Não menos confessaram os mistérios dos números Sócrates e Platão, quando disseram ser o número três o princípio de tudo, como se lê nestas palavras: *Tria esse rerum principia, Deum, Ideam, ET Materiam* (São três os princípios das coisas, Deus, Idéia e Matéria). Na qual sentença parece que rastrearam a verdade católica; e já Pitágoras, havendo dito que os números um e dois foram princípio universsal, acrescentou em outra parte: *Infinitum, Unum, ET Duo* (São três os princípios das coisas, Deus, Idéia e Matéria), repartindo assim: *Infinitudinis Deum, Unitatis formam, Altereitatis materiam* (Deus da infinitude, a forma da unidade e a matéria da alteridade).

 Nem se desviaram muito desta opinião os platônicos, antes seguindo-a, só parece que a expuseram mais claramente, chamando a Deus por estes três nomes: Oromasin, Metrin, Arimanin, como se dissessem Deus, Mente, Alma; dando a unidade a Deus, a ordem à mente, o movimento à alma. Passam adiante e dizem que de Deus foi feita a unidade das partes com o todo; da mente foi disposta a ordem das partes unidas; e da alma foi começado o movimento das partes ordenadas; mostrando assim (como diz Pedro Mateacci) haverem conhecido a origem do caos, criação do mundo, sua vida e movimento. Costumam também chamar com outros três nomes: Celio, Rhea, A VIDA; POR Saturno, as idéias. Ou segundo outros, que o interpretaram em diversos sentidos: Celio é a alma do firmamento; Saturno, a do sétimo céu; Júpter, a do sexto, que assim expõem: leis do fado, isto é providência; sabedoria universal, isto é, entendimento comum; amor natural, isto é, o apetite da conservação de cada espécie, ou tempo, ou juízo e natureza, como quiseram outros.

 Donde é digníssimo de admiração que todas as vezes que a cega filosofia dos antigos discorreu acerca de Deus, quando mais altamente penetrou nos maiores juízos da antiguidade, sempre definiu a Deus ou pela Unidade, ou pela Trindade, reconhecendo nestes sagrados números tais forças e mistérios, que agora lhes parecia que não podia ser Deus aquela sublime idéia que não fosse única, agora que o não devia ser aquela que não fosse trina. Outros, conciliando estes números, disseram também com os antigos cabalístas: *Hi três, qui sunt Unum, inter se proportionem habent, Unum, Uniens, Unitum.* Estes três, que são o Uno, são proporcionais entre si, o Uno, O que une e o Unido).